



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de investimentos da Petrobras no estado de São Paulo

São José dos Campos-SP, 02 de junho de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras da nossa extraordinária cidade de São José dos Campos, de todas as cidades do Vale do Paraíba,

Companheiros e companheiras petroleiros e petroleiras,

Meu caro Cláudio Lembo,

Meu caro Luiz Marinho,

Meu caro Aloizio Mercadante,

Meus caros companheiros e companheiras deputados federais Angela Guadagnin, Ary Kara e Jamil Murad,

Meu caro Eduardo Pedrosa, prefeito de São José dos Campos,

Meu caro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meus amigos e minhas amigas, vereadores e deputados estaduais,

Meu caro Luiz Valente, gerente-geral da Revap,

Dirigentes sindicais aqui presentes,

Demais diretores da Petrobras,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, eu queria dizer uma coisa para vocês: um presidente da República e um governador de estado e um prefeito mantêm uma relação institucional, e os entes federativos, ou seja, o estado, o município e o governo têm que se relacionar, independentemente de qualquer coisa que aconteça no país. E nós não podemos permitir que num processo eleitoral a gente possa ferir uma coisa sagrada da Constituição brasileira, que é a existência da



relação institucional entre as autoridades municipais, estaduais e federal. Por que eu estou dizendo isso? Porque eu estou numa inauguração institucional. Se fosse um comício, certamente o Cláudio Lembo não viria aqui, ou o prefeito não viria. Eu quero explicar para vocês, porque essas coisas têm problema, e têm problema desagradável para eles e pode ter para mim. Eu posso vir uma vez, a convite deles, inaugurar uma obra que eles estão fazendo, e pode acontecer o contrário para mim, eu posso até ser admoestado.

Essa é uma coisa, sem querer ferir a liberdade de expressão, que nós temos que compreender. E, no caso do Cláudio Lembo, compreender uma outra coisa: o Cláudio Lembo, eu tenho relação de amizade com ele desde 1978. Eu vou contar uma ironia do destino, ironia pura: eu conheci o Cláudio Lembo junto com o governador Paulo Egídio Martins. Eu tinha ganho um terreno para o Sindicato dos Metalúrgicos, para fazer um clube de campo. Fizemos um churrasco para 30 mil trabalhadores e o Paulo Egídio Martins veio com o Cláudio Lembo. Qual é a ironia do destino? É que o Cláudio Lembo era candidato a senador contra o Fernando Henrique Cardoso, em 1978.

O Cláudio Lembo e o Paulo Egídio Martins – que era um governador com quem eu tinha uma boa relação e que teve um papel muito importante na ocasião da morte do Wladimir Herzog, em 1975, quando prenderam todos os membros do Partido Comunista, o Paulo Egídio Martins teve um papel extremamente importante para segurar a barra aqui, em São Paulo – vieram ponderar para mim se eu não queria votar no Lembo. E eu disse: “olha, não, porque nós temos aí um outro candidato e tal”.

E de lá para cá, vejam, o Lembo foi reitor da universidade, do Mackenzie. E eu quero dizer para você, porque eu tenho que fazer justiça: eu consigo separar as minhas divergências políticas da minha relação de amizade. Amizade é amizade, e posso dizer para vocês que, desde 78 até agora, são 28 anos, já fui convidado várias vezes para fazer palestra no Mackenzie, onde o Cláudio Lembo era o reitor, e quero dizer para vocês que



sempre fui tratado com fidalguia, com respeito e com muita dignidade. Por isso, eu quero que vocês saibam: o Cláudio Lembo é governador, é um político ligado ao PFL, mas vocês sabem que tem, em todos os partidos políticos, gente melhor, gente pior, gente civilizada, não civilizada. E eu posso dizer para vocês que este homem é um político civilizado, independentemente do partido em que ele estiver. Ele é um homem de bem e por isso eu o respeito.

Dito isso, eu quero dizer uma outra coisa para vocês. Este é um mês em que eu estou... o mês de maio, não porque é o mês dos noivos e das noivas, mas é um mês em que eu estou particularmente feliz. Feliz, porque algumas coisas que nós plantamos, no começo do governo, e que demoraram para vingar... Sabe aquela planta que você planta e ela não brota, e você fica pensando que ela morreu e às vezes ela nasce quase pensando que vai morrer, e demora para crescer, e você não consegue acertar o adubo que você vai colocar e, de repente, você acertou o adubo e a planta cresce de forma extraordinária... É o que está acontecendo conosco, neste momento, e eu vou explicar o porquê.

Durante o processo de disputa política, havia, na direção da Petrobras, alguns diretores da Petrobras que entendiam que a Petrobras era uma empresa eminentemente de prospecção de Petróleo. Portanto, ela tinha, inclusive, que comprar as suas plataformas no exterior, porque a Petrobras não tinha competência de produzir as plataformas, porque não tinha estaleiros preparados no Brasil, porque a indústria naval brasileira era incompetente, e aí as nossas plataformas era compradas da Noruega, sei lá de onde, Singapura.

Bom, eu resolvi, naquela ocasião, comprar uma briga e dizer que a Petrobras podia produzir aqui. Aí fui atrás dos meus companheiros sindicalistas, petroleiros, dos engenheiros da Petrobras, da indústria naval, fizemos reuniões na indústria naval, conversamos com os sindicatos, o pessoal da indústria naval, dos patrões e dos empregados, e provamos a nós mesmos que era possível fazer. Eu lembro até um dia em que saiu um artigo



desagradável, publicado como matéria paga na Gazeta Mercantil, dizendo que eu estava blefando, que nós não tínhamos condições de fazer plataformas aqui. Pois bem, hoje... e também porque naquele tempo se tinha uma visão da Petrobras apenas como uma empresa territorial. A gente estava em Angola, mas a Petrobras não tinha muita ousadia, ela tinha medo de se juntar a outras coisas maiores, ela tinha medo dessa competição, como ela é muito bonita, ela tinha medo de se misturar. E eu entendia que a Petrobras não tinha que ter medo de ninguém. Se tem uma empresa no Brasil que não tem que ter medo de competir, do ponto de vista da sua competência tecnológica, do ponto de vista da qualidade dos trabalhadores, é a Petrobras. Ela disputa com quem quer que seja, seja chinesa ou americana, ela disputa com qualquer um, porque ela está altamente qualificada para fazer esse debate.

Então, por que eu comecei dizendo que estava feliz, Governador? Porque hoje nós estamos produzindo plataformas, este mês ainda vamos anunciar, numa demonstração da recuperação da indústria naval brasileira, a construção de um total de 26 navios, de um total de 46 que queremos construir aqui com aço brasileiro, com metalúrgico brasileiro, com mulher brasileira, com homem brasileiro, nós vamos construir nos estaleiros do Brasil, não vai precisar fazer em Cingapura ou em lugar nenhum. E também porque eu tive a honra de ser o presidente da República do Brasil no dia em que eu subi a P-50. Eu vi uma parte da P-50 ser montada, a visitei antes, mas eu fui lá acionar o botão que sinalizava a auto-suficiência de petróleo. O orgulho de ser presidente do Brasil, o orgulho de ser brasileiro, o orgulho de ser um cidadão comum e perceber uma empresa do tamanho da Petrobras anunciando ao mundo: nós agora somos auto-suficientes em petróleo, e daqui a pouco nós estaremos na Opep, porque seremos grandes exportadores de petróleo, é uma coisa extraordinária.

Feliz, porque esses dias a Petrobras me apresentou uma outra coisa em que eu tenho uma parcela de culpa. Porque, governador, quando eu tomei



posse, logo no início, o ministro Roberto Rodrigues, que você conhece muito bem, entrou na minha sala e falou o seguinte: “presidente Lula, eu acho que nós poderemos fazer uma revolução na agricultura brasileira com o biodiesel”. Aquilo me entusiasmou, nós montamos uma equipe, aquilo na verdade já estava no meu programa de governo, era uma peça do programa. Fiz um grupo interministerial, começamos a trabalhar, e começamos a fazer pequenas usinas de biodiesel, sobretudo do girassol, da mamona, para ajudar o povo do Nordeste. E é uma coisa geradora de empregos, porque a gente também estava pensando, não apenas no petróleo, mas pensando em gerar empregos no campo, sobretudo na parte mais pobre do Nordeste e de Minas Gerais.

O Programa de Biodiesel está um sucesso extraordinário. A Petrobras é a compradora, participa do leilão, e a gente garante preço mínimo ao companheiro sertanejo que planta mamona. Então, a coisa está indo maravilhosamente bem, o mundo inteiro querendo aprender com o Brasil, mas eis que a Petrobras me prega uma surpresa. Eles já estavam fazendo testes há algum tempo e resolveram fazer uma revolução energética no mundo, não no Brasil. A Petrobras, há 15 dias me apresentou, no Conselho Nacional de Política Energética, um novo tipo de diesel, ou seja, eles conseguiram a proeza de misturar o óleo vegetal da soja – mas pode ser da mamona, pode ser do girassol – no óleo diesel e esse óleo sai com uma qualidade extraordinária, sem o enxofre do óleo diesel brasileiro, e ainda produz mais 2% de GLP, ou seja, de gás de cozinha. O que demonstra o quê? Demonstra aquilo que eu venho afirmando: o Brasil será, no século XXI, quer queiram, quer não, independentemente de quem estiver governando o Brasil daqui a 20 anos, o Brasil será a maior potência energética do mundo, e a gente vai estar fazendo uma combinação: vamos estar fazendo prospecção de petróleo aqui no Brasil, em Angola, em Moçambique, em São Tomé, aonde tiver, nós vamos estar lá, disputando com quem quer que seja. Mas, ao mesmo tempo, nós vamos estar plantando petróleo.



Então, José Sérgio Gabrielli, os futuros diretores da Petrobras vão dizer: “bom, nós queremos comprar um barril de petróleo e um barril de mamona, um barril de petróleo e um barril de soja”. Porque nós vamos transformar esses produtos no petróleo que nós tanto investimos durante 50 e poucos anos para chegar onde nós chegamos. Essa é uma revolução que, possivelmente, vocês que são novos vão ver, que os netos de vocês irão viver muito densamente porque é uma revolução para o mundo. Cada presidente de outro país que eu conversei – ainda na semana passada conversei com o presidente Chirac, esta semana eu conversei com o coordenador da União Européia, o ex-primeiro ministro de Portugal, Durão Barroso, conversei com o Tony Blair, conversei com a ministra da Alemanha – quando a gente conversa sobre o HBio – já tem um nome: HBio – fica todo mundo querendo discutir com o Brasil sobre esse tal do Hbio.

Então, eu estou feliz, mas estou feliz também porque, desde o começo do governo que nós decidimos fazer o gasoduto Coari-Manaus. É um gasoduto de quase 600 quilômetros ligando Coari a Manaus para levar o gás para a indústria de Manaus. E vocês não sabem o tanto de dor de cabeça: Ibama para cá, Ministério Público para lá, faz licitação daqui, anula dali, as empresas pedem mais, a Petrobras, corretamente mão-de-vaca que é, não dá o tanto que as empresas querem, pede nova licitação. Finalmente ontem nós fomos a Coari dar o primeiro pingão de solda no gasoduto que agora vai ser feito definitivamente.

E isso vai colocando o Brasil na era em que o Brasil vai se transformar independente de energia. Nós não vamos precisar ficar brigando com a Bolívia, brigando com o Chile, brigando com a Argentina, com os Estados Unidos, com o Irã, com o Iraque. Nós não precisamos brigar por ninguém. Nós brigaremos por qualquer outra coisa mas, se Deus ajudar, nós vamos ser auto-suficientes em energia em todos os níveis, donos do nosso nariz, independentes, e vamos fazer o nosso povo ser mais rico, ter mais empregos, ganhar mais salário e



viver a vida que nós estamos merecendo há 500 anos e que ainda não tivemos oportunidade de conseguir essa vida.

Se não bastasse isso, eu participei agora há pouco com a Petrobras, em um hotel ali em São Paulo, da contratação da Petrobras no Programa de Aprendizizes, que vão ser 70 mil ao todo, dos quais 2.700 a Petrobras está contratando. Jovens de 15 a quantos anos? De 15 a 18 anos, jovens pobres da periferia que vão ser aprendizes da Petrobras e nas empresas que trabalham com a Petrobras para que aprendam uma profissão, para que nos dêem a certeza de que vão ser homens trabalhadores, vão casar, constituir família, criar os seus filhos sem a gente assistir jovens sendo presos, violentados, como habitualmente a gente vê nas páginas de jornais deste país.

E também por anúncio disso aqui: 900 bilhões de reais, 2 bilhões de dólares para deixar esta refinaria aqui nova, zero quilômetro, produzindo mais, de melhor qualidade, gerando mais emprego.

E, além disso, o gasoduto que o José Sérgio Gabrielli falou. É um gasoduto que não é para trazer mais gás, apenas. É porque vocês estão lembrados do que aconteceu na Vila Socó, em Cubatão, há muito tempo atrás, que passava não sei se um gasoduto, um oleoduto, sei lá o que passava lá, o que eu sei é que pegou fogo e queimou quase toda a favela chamada Vila Socó, lá em Cubatão.

Agora, o que a Petrobras está fazendo, dando uma demonstração de que a Petrobras tem juízo, tem responsabilidade, é que ela vai fazer 500 quilômetros de gasoduto em 22 cidades de São Paulo, para tirar os gasodutos do centro da cidade, do local onde mora gente, para permitir que as pessoas possam dormir tranqüilas toda noite, sem correr nenhum risco de vida. Isso chama-se responsabilidade social da Petrobras, significa humanismo da Petrobras.

Por isso, eu vou com a Petrobras, no final da semana que vem, ao Rio de Janeiro, anunciar um pólo petroquímico da Petrobras com o Grupo Ultra, o



maior pólo petroquímico do país. E essas coisas vão me deixando feliz, porque significa que o pezinho de laranja que nós plantamos já não está apenas o brotinho, as laranjas já começaram a aparecer, já estão maduras, a gente já pode chupá-las. Muito mais do que chupá-las, a gente já pode distribuir essa laranja para uma parcela muito grande da população brasileira.

Eu estava aqui, José Sérgio, e vi um companheiro levantar uma plaquinha ali, falando do ProUni. O ProUni é uma revolução na educação deste país. Eu não canso de agradecer ao ministro Fernando Haddad e ao ex-ministro Tarso Genro, porque foram autores da idéia. A gente tinha uma dificuldade, o Cláudio Lembo, como homem de universidade sabe, as universidades públicas em São Paulo, as federais e as estaduais, elas têm apenas 98 mil alunos. O ProUni, em apenas 14 meses, colocou nas universidades brasileiras e, sobretudo, só na de São Paulo, 64 mil jovens da periferia para fazer universidade. E aqui, em São José dos Campos, pela placa, ali, são 2.600 jovens. Ou seja, numa demonstração... E desses jovens, 40% são afrodescendentes, são meninas e meninos negros, são 1.200 indígenas. E agora, em junho, vai ter mais 47 mil vagas. Isso é uma revolução no nosso país. E, se Deus quiser, vai ter muito mais, porque, sabe, a Petrobras, você vê o pessoal da Petrobras, eu acho que tem poucas fábricas no mundo com a diretoria e os funcionários qualificados como tem a Petrobras. Cada técnico daquele é formado, a gente acha que eles ganham bem: “ah, o cara ganha 15 mil reais, ganha demais, ganha 20, ganha demais”. É porque a gente acha que o Ronaldinho ganha demais. Pelo que ele faz, ele até merecia ganhar mais, logo, logo, vai trocar de time, porque deve ganhar mais. O Corinthians não pode pagar, meu filho. Nós falimos.

Mas veja, mas um técnico desses, um técnico da Petrobras, em qualquer empresa do mundo, ele ganharia mais do que ele ganha na Petrobras, ganharia mais na iniciativa privada, porque a gente demora muito para formar um ser humano, formar um grande profissional leva tempo. Não é



apenas fazer faculdade, é fazer faculdade, fazer 500 cursos de aperfeiçoamento, fazer outros cursos, até que a pessoa vire, assim, PHD, vire gente competente mesmo. E a Petrobras é isso.

É por isso que nós estamos fazendo, e vamos completar quatro universidades federais novas, é por isso que nós transformamos seis faculdades em universidades, é por isso que nós estamos criando 42 extensões universitárias das federais para o interior do país. É por isso que este mês ainda nós vamos inaugurar 14 escolas técnicas neste país, porque a juventude brasileira não pode perder a esperança no seu país, não pode perder a esperança no seu governo, porque senão, veja, qual é o problema?

O Cláudio Lembo sabe que, como reitor do Mackenzie, muitas vezes um jovem passava no vestibular, quando chegava no mês de fevereiro ele ia lá para se inscrever: “ah, quanto custa a mensalidade?” Dependendo do curso, 800, 900 reais. O jovem voltava para casa, sem nenhuma esperança, às vezes o pai desempregado, ele não estudava. O ProUni está resolvendo isso.

E, no Brasil, durante os últimos 30 anos, toda vez que alguém falava: “precisa colocar dinheiro na educação”, os governantes falavam: “Não, não podemos gastar, isso é gasto, não pode gastar”. Primeiro, nós mudamos esse conceito: educação não é gasto, é investimento, primeira coisa. Segunda coisa, o dinheiro que a gente tiver dó, o dinheiro que a gente não quiser investir em educação hoje, a gente vai, obrigatoriamente, investir em cadeia amanhã. Então, nós temos que saber o que é mais rentável para o país, o que é mais sadio para o país, o que é mais produtivo para o país.

É por isso que eu estou convencido de que o país não pode mais ficar naquela situação de não fazer os investimentos corretos. Se nós quisermos mais empresas como a Petrobras, se nós quisermos mais profissionais qualificados como tem a Petrobras, nós podemos ter medo de qualquer coisa, só não podemos ter medo de investir em educação, cuidar das crianças na pré-escola, na escola, no ensino fundamental, cuidar do nosso jovem no ensino



médio e cuidar do nosso jovem na universidade. Se nós quisermos que o Brasil saia do rol dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para o dos países desenvolvidos, meus queridos companheiros, fiquem certos: eu não tenho... lamento profundamente não ter tido um diploma universitário, lamento. Não digo isso com orgulho, não, gostaria de ter. Até gostaria de ser economista, viu Aloizio? Veja que coisa. Até gostaria de ser economista, não fui.

Agora, eu acho que teve muita gente neste país que estudou em escola pública, não pagou nada, depois que se formou, alguns deles esqueceram de que outros também precisavam estudar. Como eu vivi o sentimento de milhões de chefes de famílias neste país que vêem o seu filho terminar o colegial, o ensino médio, e não dá perspectiva nem de emprego nem de universidade para esse filho, eu quero dizer para vocês: eu farei tudo o que estiver ao meu alcance que possa garantir... o jovem pode não ir para a universidade se ele não quiser, mas se ele quiser, nós temos que ter obrigação moral de, em curto tempo, garantir que todos tenham uma oportunidade na vida. A oportunidade faz o homem e faz a mulher. Se a gente der, as pessoas pegam, agarram e não largam mais em proveito da vida. Se a gente não der, as pessoas podem cair nos descaminhos da vida.

Eu estou aqui na frente de homens e mulheres desta cidade industrial, cidade de ponta em tecnologia, uma cidade de causar inveja a qualquer cidadão de qualquer lugar do mundo. E por que a gente não pode sonhar daqui a 20, 30 anos a gente ter, quem sabe, milhares de cidades como esta aqui? Basta a gente querer. Não tem nada impossível, o impossível é apenas um pouco mais difícil. Se nós fomos capazes de criar uma Petrobras, nós seremos capazes de fazer muitas outras coisas neste país.

Eu quero, meu querido José Sérgio Gabrielli, em teu nome, cumprimentar toda a diretoria da Petrobras, todo o corpo técnico da Petrobras,



cumprimentar todos os trabalhadores da Petrobras, porque vocês simbolizam aquilo que o restante dos brasileiros gostaria de ter e de ser.

Muito obrigado, boa sorte a vocês.